

Era Nova

Propriedade da Empresa da «Era Nova»

Comp. e imp. na tip. de F. Marinho — Barcelos

Redacção e administração:
Campo de S. José, 91

ADMINISTRADOR,

Manuel da Silva Matos

ASSINATURAS:

Trimestre (correto) 336 — Semestre
572 — Ano 1344 — Avulso 303

ANÚNCIOS:

Cada linha 303 — Repetição 302

Orgão do Partido Republicano Democrático

DIRECTOR E EDITOR — Antonio H. Marques d'Almeida

Ordem publica

Ultimamente, tem circulado com insistencia boatos de alteração de ordem publica, que, ao que parece, são injustificados.

A que obedecem essas ataridas? Com que interesse se espalham? Ignoramol-o. Em todo o caso, é certo que á vida nacional não pode ser indifferente a tranquillidade dos espiritos.

Em Portugal parece ter-se em pouca conta este principio elemental de disciplina social.

Vive-se em continua agitação, em frequentes sobresaltos, e não falta quem d'isso se aproveite para proceder com intuitos, que nem sempre serão os mais nobres. A cada passo, os jornaes estrangeiros inserem noticias as mais tendenciosas e fantasistas sobre occorrencias do nosso paiz, que, ás vezes, nem sequer se produzem; e não falta quem altere e desfigure a verdade dos factos, que se avolumam, sempre que para isso ha conveniencia.

E' claro que surgem, então, os protestos contra as mentiras que se forjam e os boatos sem fundamento sério que se puderam a circular; e comtudo, a agitação maior ou menor em que se tem vivido explica, senão justifica, uma boa parte d'esses exaggerados rumores. Que se lucra com elles?

Que aproveita a nossa existencia social e politica com esses continuos alarmes, profundamente perturbadores de toda a actividade economica, embaraçadores do trabalho, incommodos sob o ponto de vista moral e prejudi-

cialissimos a todos os respeitos, como sintoma de normalidade politica?

E' um erro espalhar boatos, como é um erro contribuir por qualquer forma, para que a ordem se perturbe. Temos necessidade de socego, e bom é que todos se compenstrem de que a tranquillidade publica é o resultante dos esforços conjugados de quantos em Portugal se interessam pela vida regular da nação.

A situação internacional mostra-nos a Europa profundamente convulsionada, e os perigos que ameaçam principalmente as pequenas nações. Sofremos já as consequencias d'esse formidavel conflicto que, como um enorme incendio, alastra sem cessar pelo velho continente.

E' a hora dos sacrificios para todos e o momento sério em que não ha leviandades que não sejam criminosas e erros que não sejam funestos.

Toda a politica, estranha aos mais altos interesses nacionaes, tem de ser posta de parte, banida como coisa damninha.

Temos necessidade de nos mostrarmos inteiramente á altura do gravissimo momento historico que atravessamos.

A politica,—e a politica internacional sobretudo,—é uma sciencia complexa, extremamente difficil, que surpreende ainda aquelles que mais conhecidos se mostram do seu mecanismo e da sua estranha e misteriosa psicologia.

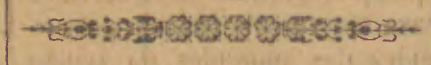
Gustave Le Bon, que é uma das mais altas cerebrações da Europa culta

e um sociologo eminente, escreveu um dia estas palavras, aparentemente paradoxaes, mas, na realidade, profundamente exactas: «Os acontecimentos mais importantes, os que dominaram os destinos dos povos e as suas civilizações, derivaram de factores psicologicos inconscientes, que o erudito pretende interpretar sem saber interpretar as suas causas. Não é no racional mas no irracional que os grandes successos se originam. O racional cria a Sciencia, mas o irracional conduz a Historia».

Isto veio a proposito das dificuldades que ha sempre para o politico em penetrar o misterioso condicionalismo dos successos mais simples. E' que a politica é, de facto, uma sciencia para poucos, e os que pretendem n'ella iniciar-se sem a preparação conveniente expõem-se a cada momento á eventualidade de fazerem correr ao paiz os maximos perigos.

Sejamos, pois, preventivos em tudo, e lembrem-nos de que o patriotismo quando mal comprehendido é um erro dos mais funestos. A disciplina social, que se gera no amor da ordem e da liberdade, comprehendido com a maior nobreza, é o unico meio de facilitar a um paiz que deseja viver com dignidade todos os recursos do trabalho e todas as garantias da justiça.

De «O Primeiro de Janeiro»



Domingos de Figueiredo

ADVOCADO

Escritorio: Rua Direita



Catarina d'Ataide

Grença em Deus

O poeta, vendo a mãe tremula deante do altar e o Cristo resignado na cruz sente a violenta reacção de crença catolica e prostra-se de joelhos numa explosão de lagrimas.

Não!

Bemdito sejas tu! Perdão, Senhor, perdão...
Perdoa esta blasfemia ao desespero, á dor...
Entre os brilhos ideais da tua gloria imensa
Tu tens, para quem sofre, iuda um balsamo—a crença;
Senhor, eu creio em ti, perdoa-me, Senhor!...

Eu vi-te muitas vezes na cerração dos mares,
E um sorriso dos teus, um só dos teus olhares,
Dava-me luz á alma e forças ao coração...
Se me vias dormir, prostrado de canceira,
Tu vinhas-te assentar á minha cabeceira;
Eu creio, eu creio em ti: perdão, Senhor, perdão!

Hei-de consumir-me nesta saudade enorme;
Direi ao fundo amor que me subjuga: «dorme!»
E ele ha de no meu peito adormecer talvez...
E tu, noiva gentil, e tu, pomba de neve,
Aguarda-me no ceu, que eu partirei em breve...
Deus ha de chamar-me... espero a minha vez!

E o poeta sentiu, olhando o Cristo morto,
Cair no fundo d'alma o balsamo e o conforto;
Extinguiu-se ao largo o coro dos ateus...
O pobre escravo então, inda na sombra, olhava
O filho que genis e a mãe que marmurava:
— Bemdito seja Deus! Bemdito seja Deus!

Conde de Monsaraz

POVOS CADUCOS E POVOS VIVAZES

No revolver constante da vida das coletividades humanas passam-se phenomenos que, muitas vezes, despercebidos dos envolvidos numa luta quasi dantesca para a conquista do pão quotidiano, quer nas agras horas da officina, quer no turbilhão da vida intelectual, nem por isso deixam de ser interessantissimos como indicadores seguros das condições de vitalidade dos povos. Desde que o homem conseguiu constituir agrupamentos subordinados a um mesmo corpo de leis, sedentários em determinados lugares do globo, tendo a unificá-los um objectivo e aspirações comuns, servidos pela mesma lingua e ligados pelas mesmas crenças, isto é, desde que o homem chegou á constituição de nacionalidades, phenomenos tais se manifestaram, assegurando a uns larga e benefica vitalidade, arremessando outros, após uma mais ou menos longa serie de desagregações, para aquellas regiões das quais, no dizer do poeta, viajante algum jamais voltou

São esses phenomenos, quando a nós, hoje bem suscetiveis de determinação e podem ser estudados com relativa facilidade nas suas causas para, tambem, até certo ponto, podermos, quando ainda seja tempo, neutralizar-lhes os perniciosos efeitos. Constituem elles factores sociais de minima importancia, e o seu conhecimento, que podemos ir arrancar á vida multi-secular das sociedades humanas, impõe-se como condição primordial e indispensavel para o estudo dos grandes problemas coletivos e para a orientação a imprimir á marcha dum povo.

Não correm, hoje, de feição os tempos para experiencias meramente empiricas e, portanto, despidas de qualquer criterio scientifico na administração dos negocios publicos de qualquer paiz, e muito menos, daqueles que, por causas complexas, mas perfeitamente determinaveis, oferecem poucas e fracas condições de resistencia. Hoje, que uma convulsão temerosa, cujo ter-

ma previsão, por mais que as nossas simpatias pessoais nos façam sorrir a idéa de que o bom exito coroará os esforços dos que mais amamos, não é descabido, antes se nos afigura uma necessidade, o trazer-mos a lume, ainda que rapida e concisamente, os sintomas que irrefragavelmente nos esclarecem sobre a virtualidade e potencialidade da vida dos povos. Problema é esse de importancia magna, cuja solução, todavia está de ha muito achada por aqueles que por entre o estrondar atordoador da vida moderna ainda sabem ouvir, e tambem por aqueles que, elevados ao pinaculo da direção de povos, não ficam estarecidos em suas parvozinhas vaidades e tem consciencia perfeita e cabal do que em termo de si se vai desenrolando.

Ha, para nós, duas categorias, bem diferenciadas por características inconfundiveis, de povos: os caducos e os vivazes. Nos primeiros, porem, ainda estabelecemos uma subdivisão, os de caducidade accidental e, portanto, remediavel, e aqueles já tão profundamente atacados pela morbidez que só uma solução se lhes apresenta: a morte.

Vejam, pois, ainda que sucintamente, os caracteres que apresentam os povos caducos, e se deles, por nosso mal, alguns se encontrarem no povo português, encaremos de frente o perigoso mal e procuremos evitar-lhe as tenebrosas consequencias, enquanto tempo seja de assegurarmos a salvação. Os povos que, depois dum periodo maior ou menor de forte coesão nacional, entram na fase de caducidade, começam pelo enfraquecimento do espirito coletivo, olvidando todos os laços que os prendem ao passado, não no que este tenha de deprimente e aviltante, mas precisamente no que nele foram manifestações de atividade progressiva e proficua.

Esse o primeiro passo cujos efeitos ainda uma acção conscientemente deliberada pode anular; se essa acção, porem, não se manifesta ou falha, não tarda que outros elementos de desagregação surjam, accumulando-se por forma, e com rapidez cada vez mais acelerada, que o mal se agrava, e, porventura, sem remedio. Assim, ao amor pela liberdade, que nos povos vivazes constitue o mais forte esteio de perdurabilidade, succede a abdicção mais completa em favor exclusivo de agrupamentos a que por irrisão se chama politicos, determinados não por identidade de vistas e de processos governativos, mas por interesses pessoais ou de facções, mais ou menos inconfessaveis e condenaveis. Desta sorte os fortes partidos politicos que nos povos vivazes constituem correntes de opinião que se gladiam pelos interesses superiores da coletividade cedem, nos povos caducos, o lugar a verdadeiras e autenticas «camorras» que para a satisfação de interesses individuais dos filiados não hesitam um momento sequer na pratica dos mais hediondos e criminosos atos contra a coletividade, na qual apenas vêem um vasto campo de exploração. Animados a tanto a audacia fortalecida pela incerteza d'impunidade, porque um povo que chega a abdicar das suas re-

galias e liberdades civicas é um povo incapaz de se desafrentar em nome de qualquer principio emancipador e, quando muito, como epiletico esbraveja e contorce-se, arranca pedaços da propria vida, para substituir uma «camorra» por outra «camorra», para derrubar um senhor e levantar passagemmente nos escudos um outro tirano dum dia, despota dum instante. Então são já possíveis as ditaduras dum Sylla, as tenebrosas maquinações dum Catilina ou as malignancias habeis dum Cesar que, impondo-se ás massas ignaras e desmoralizadas, pizam a pés juntos as nacionalidades e por tal forma as esmagam que nem as punhaladas vingadores dum Bruto e dum Cassio conseguem reanimá-las.

Inicia-se então uma fase, mais ou menos prolongada conforme os resquícios de vitalidade que ainda existam, de estertor. Aqui a liberdade estrebucha e agonisa, ali o desvairamento do goso material absorve todas as energias, além das discussões bisantinas sobre pontos pueris abafam as grandes concepções do espirito, acolá a anarquia descomposta e dissolvente tripudia fazendo das leis, isto é, das normas que o consenso, unanime em longa elaboração estabelecera, um montão de cousas inúteis e absoletas. Aos belos e luminosos dias da «Agora» succederam as vesanias e caprichos dum Cleonte; a rigidez dos principios sociais das épocas de virtude seguem-se as degradações do tempo dos Neros e dos Hellogabálos; ao dignificante esplendor das lucubrações filosóficas e scientificas dum Platão e dum Aristoteles vem substituir-se o gafado e pretencioso escabujar intelectual dos alexandrios do ultimo periodo ou os nugalhos irritantes do bisantinismo; a ordem respeitadora de todos os direitos e agasalhadora de todos os humildes do periodo construtivo da revolução francesa seguem-se as hecatombes de setembro e do Rodano, em que o direito era farrapo que homens sem fé nem principios lançavam para a estrumeira.

E' este o periodo mais grave. Os povos, sem protesto, sem um queixume, mergulhados na mais fatal atonia, confiam os seus destinos aos mais aulazes por menos escrupulosos e menos dignos; as competencias desaparecem ou apavoram-se e desertam; confundem-se as missões sociais que cada elemento tem a desempenhar e os que ainda ousam levantar a voz, os que ainda sentem animo bastante para soltar o grito de alarme, são lapidados ou liquidados a qualquer esquina. Chega então a hora temerosa das maximas provações. Para além fronteiras desses povos ouve-se já o crucitar tétrico dos corvos famintos prontos a saciarem a sua voracidade no que já é quasi um cadaver. E os povos desaparecem; e homens que não quizeram ou não puderam ser cidadãos livres, passam á miserissima condição de escravos, quer a sua escravidão se manifeste sob o aspéto meramente politico, quer, salvas ainda as apparencias de autonomia e independencia, ela assuma as proporções da mais pavorosa dependencia economica.

Tão grande, porem, é a vitalidade de alguns organismos na-

cionais que, até nesse periodo verdadeiramente organico, a salvação é possível, se não certa. Com decisão e energia vão buscar-se ás mais profundas camadas, aos tecidos mais resistentes os elementos que ainda nos possam fornecer. Combate-se a todo o tranze o sceticismo característico das nacionalidades que a tão doloroso tranze chegaram, cria-se um novo idial, em harmonia com as exigencias de vida formulada pelos povos vivazes, fomenta-se por toda a parte a riqueza nacional, o sangue das nacionalidades, robustece-se a inteligencia, o sistema nervoso dos povos hodiernos, e, assim, despertadas as energias, acordada a consciencia coletiva, a nacionalidade surge rediviva, forte e ativa, afastando para sempre com um simples gesto o bando faminto de corvos que sobre ela queriam cevar-se.

Será o povo português um povo caduco? Talvez; mas, se o fór, nada de desanimos. A Republica implantou-se precisamente para cicatrizar a ferida e chagas que pareciam insanaveis; a Republica fez-se exatamente para trazer a lume todas as energias latentes que, felizmente, ainda existem em grande quantidade. Mãos á obra e que a Republica entoe por toda a patria portugueza o «Sursum corda!» redentor, o toque do clarim magico que, despertando todas as energias adormecidas, faça congregar todos os esforços na patriotica obra de ressurgimento, no humanitario trabalho de nos colocar honrada e dignamente ao lado dos povos vivazes, por essencialmente progressivos e inabalavelmente crentes no futuro.

Agostinho Fortes

DESMASCARANDO OS CALUNIADORES

O ultimo n.º da *Era Nova* publicou a carta do sr. João Sotillo Maior, que attribue a suicidio e não a crime a morte de seu irmão Miguel Sotillo Maior, justificando bem e claramente a verdade das suas declarações.

A corroborar o que se diz na carta ha o relatório dos peritos, que segue:

«E os peritos fizeram a seguinte declaração:

Que procederam á autopsia em um cadaver de um individuo do sexo masculino, aparentando uns quarenta annos de idade, chamado Miguel da Cunha Velho Sotillo Maior. Este individuo no habito externo absolutamente nada apresentava que pudesse denunciar suspeita, sequer de que sobre elle tivesse sido exercida qualquer violencia fisica. O dedo polegar da mão direita estava sujo de carvão. Pelas narinas corria-lhe um fio de sangue que augmentava de quantidade quando se imprimia no cadaver qualquer movimento. A bocca estava tenazmente fechada pela rigidez dos musculos da região. Fez-se-lhe a desarticulação do maxilar inferior, deparando-se na abobada palatina, cuja mucosa estava completamente chamuscada pela deflagração dos gases

de polvora, uma abertura de bordos irregulares situada na linha mediana a uns tres centímetros da arcada dentaria diametro antero-posterior. Aberta a cavidade craneana, o eslenoide apresentava pela sua face superior e em relação com a abertura descripta para a abobada palatina uma abertura maior que aquella e situada um pouco á esquerda da linha mediana e um pouco atrás da vertical, passando pela abertura da abobada palatina. A massa encefalica a este nivel estava tambem ferida até á sua face conexa cujas meningues se achavam rotas na parte mais alta do hemisferio esquerdo. O parietal esquerdo a este nivel encontrava-se fracturado.

Varios coagulos se encontravam na base do cerebro, encontrando-se uma bala na intimidade da sua massa. Conclusão: o autopsiado Miguel da Cunha Velho Sotillo Maior foi victimado por um tiro de pistola disparado na bocca á queima-roupa, tendo penetrado a bala pela abobada palatina perfurando a massa cerebral, indo fracturar o parietal esquerdo que não conseguiu já atravessar, regressando á massa cerebral onde se alojou, e seguindo n'este percurso uma trajetoria de baixo para cima levemente obliquada para a esquerda e para traz. As feridas produzidas por esta bala foram a causa da morte, que deve ter sido instantanea. Que nada mais tinham a declarar. Foram testemunhas presentes ao exame e á autopsia e que reconheceram o cadaver como sendo do proprio Miguel da Cunha Velho Sotillo Maior, Antonio Rodrigues Pereira Veiga, casado, farmaceutico, e Secundino Pereira da Fonseca, casado, enfermeiro n.º 5, ambos moradores n'este hospital. Por esta forma deu elle, juiz, este auto por concluido, que vai assignar com os mencionados depois de lido perante todos por mim José Antonio Vieira Braga, escrivão, que o escrevi e assigno. (aa) José Maria Gomes Bello, José Luiz da Silva Junior, Durval da Motta Bello, Eurico Taxa Ribeiro, Antonio Rodrigues Pereira Veiga, Secundino Pereira da Fonseca, Tristão Mannel da Silva, José Antonio Pereira Braga. Não se continha mais em o teor do auto e de exame e autopsia.»

E' sabido que os monarchicos, julgando os republicanos por si proprios, fizeram uma campanha torpe e infame, afirmando que o alucinado Miguel Sotillo Maior succumbira a um tiro assassino!

Depois da leitura dos dois documentos tão explicitos são, a conclusão é facil de tirar, e sem deixar duvidas.

Bernardino R. de Souza

Solicitador encartado
Campo da Feira, 57-BARCELOS

Antiguidades barcelenses

Na «Aurora do Cavado», de 5 de dezembro de 1900, encontramos o seguinte referente a Barcelos, e, que por acharmos curioso, transcrevemos.

Barcellos

Memorias sepulchrales

Na «Aurora do Cavado» periodico fundado n'aquella villa ha 33 annos deve ter logar apropriadissimo o escripto que segue.

Teve o pavimento da igreja matriz até ha pouco tempo, algumas campas antigas de grande valor archeologico, historico e heraldico. N'um amodernamento que lhe fizeram não respeitaram as venerandas reliquias: partiram, talvez, aquellas pedras interessantes. Eu que as vi e lêra em tempos volvidos, não as copiei; e quando ha tres annos alli voltei com esse fim, achei-lhes o logar.

Perdidas as considerei.

Agora, porém ao folhear o codice n.º 1 da Bibliotheca da Manisola, do sr. Visconde da Esperança n'elle as encontrei por copia de algum cuidado.

Salvem-se por meio da estampa, pois que seu possuidor é dos que não tem a rica e vasta Bibliotheca só para ostentação inútil, e permite a copia e a publicação das inscrições sepulchraes e das copias curiosissimas que as acompanham. E' uma especie, esta das copias, que não tenho encontrado no sul do reino.

Junto á pia da agua benta:

Aqui jaz ayres frz de candaño cavaleiro do virtuoso senhor dom fernando duque de bragança marques de villaviçosa conde de Barcellos, donrem, darrayellos e os frades lhe hãm cantar cada anno 4 missas officiaidas com seus responsos, erus, pela alma de seu pae e sua linouse na era de 1491 annos.

Tem campa nobre com escudo de armas e uma espada atravessada por baixo d'elle, com esta copia:

Aqui jaz contra seu gosto do grao fernando um vasalo que jamais sobio a cavallo depois que nella foi posto.

As armas dos Candanhos são, como lá se vê, 2 arruellas ou besantes cortados horizontalmente por 3 riscas, com bordadura de aspas.

Junto á Mesa de S. Nicoláo está uma campa com letreiro nas orlas que diz:

Esta sepultura he de brites frz caroa e de seus herdeiros.

O brasão é escudo com 5 animaes, que se não conhecerem, com uma espada por baixo, e com esta copia:

Aque se diz ser senhora desta sepultura honrada na terra della he tornada.

Junto á porta da sacristia:

Aqui jaz alvaro giz cilr.º f.º de gonçalo peres ribeiro e finou a onze dias d'outubro da era de 1400 annos.

Por baixo do escudo de suas armas:

Nesta sepultura jaz quem quizera antes viver que nella ha tanto jazor.

Outra:

Aqui jaz gil fez mindão vasallo delrey d. Joanne e finouse a 13 dias do mes outubro da era de 1446 annos e deus lhe perdoe.

Tem brasão de armas de 5 estrellas de 8 pontas; pôdem ser dos Fonseca e talvez em logar de Mindão se deva dizer Michão.

Cópia

De baixo deste letreiro se o desejaes saber jaz o mesmo que heis de ser e já foi nobre escudeiro.

Junto aos degraus da capella mór, do lado da Epistola:

Era de 1377 annos trese dias de janeiro passou joão coutado a quem o senhor perdoe.

Cópia

Aqui jaz hu joão coutado que por coutado não ser esta letra fez erguer, mas elle em terra he tornado.

Como se disse no principio só existe hoje a primeira das inscripções.

Evora. A. F. B.

AGRICULTURA

A agua e a terra

Da agua depende produzi-rem as terras mais ou menos.

Ha plantas que precisam de achar na terra mais agua do que outras.

Por o lavrador não saber isto, troca, ás vezes, a escolha dos terrenos que destina para as diversas culturas.

A aveia, por exemplo, quer muita agua; o trigo quer menos; o centeio ainda menos e a cevada é dos cereais o que menos agua requer.

Das arvores a que menos agua requer é o pinheiro, que, por isso, serve para os terrenos secos. A que mais agua requer é o freixo, depots a fain.

Isto explica-se porque é que os arvoredos chamam humidade. Ha quem calcule que um hectare de fain absorve da terra por ano porção egual de agua que, se ficasse á tona da terra, chegaria á altura de meio palmo.

Em muitas partes, quando se quer chamar a humidade á superficie do solo passa-se lhe

por cima um rolo de ferro ou terra para apertar a terra.

Com as sachas, faz-se, pelo contrario, com que a humidade desça para o fundo da terra.

Quando a terra estiver coberta as plantas perdem mais agua do que estando rapada.

Olhe o lavrador para o que lhe dizemos, e ficará sabendo que é preciso reparar bem na humidade que a terra tem para se ter bom proveito da semente que se lhe lançar.

Da «Enciclopedia das Familias»

OS RATOS

Onde se mostra que é pueril o medo que se tem aos ratos, e que os jornaes agricolas nem sempre discorrem acertadamente em couzas da especialidade.

Quando Williams andou missionando em Rarotonga disse que os ratos érao ali tão abundantes que andávão sobre a meza, por entre as iguarias, levando pedaços de carne e de pão.

Pulávão ás cadeiras e dormião nas camas.

Quando ajoelhavamos para a oração, diz ainda o intrepido missionario, corria por cima de nós em todas as direcções.

Foi ao rato que uma vez a Folha de Torres Vedras (ou Vinha de Torres Vedras) equi parou a toupeira sob o ponto de vista da nocividade, noticiando muito satisfeito que o dr. Roux descobrira um microbio suscetível de matar aqueles dois «estragadores» das colheitas...

Está cientificamente demonstrado que se o rato é nocivo, a toupeira é tudo quanto ha de mais util, tão demonstrado que até nos compendios de zoologia aditados nos liceus vem isso.

Quando os jornaes que se dedicão ás couzas da agricultura teem semelhantes idéas acerca do papel que certos animaes representam em relação a ella, imagine-se o que poderão pensar aquellas pessoas e aquellas folhas periodicas alheias a semelhante especialidade.

Luiz Leitão

As tres gôtas

Alba, a boa fada protetora das noivas, Alba que mora na pupila azul das virgens sem pecado, passando uma manhã junto d'uma camelia, ouviu o seu nome pronunciado por tres gôtas tremulas. Aproximou-se e, pousando no coração da flor, perguntou carinhosa:

—O que quereis de mim, gôtas brilhantes?

—Que venhas decidir uma que tão, respondeu a primeira.

—Propõe-na.

—Somos tres gôtas, diferentes, oriundas de diversos pontos; quereamos que nos digas qual de nós vale mais, qual a mais pura.

—Aceito. Fala tu, gôta brilhante. E a primeira gôta, tremula, falou.

—Eu venho das nuvens altas... sou filha dos grandes mares. Nasci no largo oceano antigo e forte. Depois de visitar praias e praias, uma nuvem sorveu-me. Fui ás alturas onde brilha a estrela e rolando de lá, por entre os raios, caí na flor em que descanso agora. Eu represento o oceano.

—Agora é a tua vez, disse a fada á segunda.

—Eu sou o rócio que alimento os lirios, sou iriã dos luars opalinos, filha das ne-

voas que se desenrolam quando a noite escurece a natureza. Eu represento a madrugada.

—E tu, perguntou Alba á mais pequena.

—Eu nada valho.

—Fala... d'onde vens?

—Dos olhos d'uma noiva; fui sorriso, fui crença, fui esperança, mais tarde fui amor —hoje sou lagrima.

As outras riram da pequena gôta, e Alba abrindo as asas tomou-a consigo e disse:

—Esta é a de mais valor, é a mais pura...

—Mas eu fui oceano!...

—E eu atmosfera!...

—Sim, tremulas gôtas: mas esta foi coração...

E desapareceu no azul levando a gôta humilde.

Goelho Neto.

Reportagem semanal

5 d'Outubro

Na proxima terça feira passa o 5.º aniversario da implatação da Republica Portugueza.

Professorado primario

Já foram entregues os recibos da diferença de vencimentos pela promoção de classe aos professores primarios deste concelho.

E' caso para os felicitar pois já não contavam receber essas diferenças, e para alguns é quasi uma fortuna comparado com os seus exiguos ordenados.

Carestia da vida

A comissão das subsistencias organizada neste concelho, em virtude do ultimo decreto, é formada pelos srs.:

José Casimiro Alves Monteiro, administrador do Concelho; Dr. José Julio Vieira Ramos, presidente da Comissão Executiva da Camara Municipal; Dr. Theotónio José da Fonseca, representante da agricultura, Luiz Gomes de Carvalho, representante do Comercio; e Manuel Rodrigues da Cruz Lima, pela industria.

Festividade

Com grande pompa realisonse no domingo na igreja matriz a anunciada festividade da primeira comunhão ás creanças.

Presidiu o sr. Arcebispo Primaz que seguiu para a Povoia de Varzim e Vila do Conde em visita de agradecimento.

Viajeiro

Na 5.ª-feira esteve nesta vila o sr. João Pereira Ribeiro Nobre, que se propoz fazer a viagem a pé á volta de Portugal.

Teve a amabilidade de nos procurar e d'aqui lhe enviamos os nossos agradecimentos.

O sr. Ribeiro Nobre tem 18 annos, é guia da patrulha da «Girafa» do 1.º grupo da União dos Escoteiros Lusos, socio da Cruz Vermelha Portugueza, da Pro-

paganda de Portugal e membro da Ordem Humanitaria Chainé de Succés.

Viagem de estudo e de propaganda do *escotismo*. Saiu de Lisboa nos primeiros dias de julho, esperando voltar ali em janeiro de 1916. Como a União dos Escoteiros não tem fundos para lhe custear as despesas, vive dos donativos que lhe oferecem.

A União dos Escoteiros é uma agremiação muito simpatica e altruista. Num dos proximos numeros daremos um esboço dos valiosos serviços que pode prestar á sociedade.

O sr. Ribeiro Nobre tenciona publicar um relatório da sua viagem, que deve ser muito interessante.

Falecimento

Na tarde de segunda feira faleceu na sua casa, ao Largo do Apoio, nesta vila, a sr.ª D. Maria Emilia de Jesus Carmona, viuva do sr. José Carmona Salter de Mendonça, veneranda mãe dos srs. Antonio Machado Carmona, negociante no Porto, Francisco Machado Carmona e Eduardo Machado Carmona, negociantes nesta vila, sogra dos srs. Manuel Joaquim Ccelho Gonçalves, tambem negociante e Antonio José da Silva Ralha, proprietario, de Alvito (S. Martinho) e avó do sr. Humberto Carmona

Coelho Gonçalves e da esposa do sr. Manoel da Costa Maciel. Era natural da freguezia de Cedoleita, do Porto, e tinha 87 anos de idade.

Os seus funeraes realizaram-se na tarde de terça feira sendo muito concorridos.

A chave do caixão foi confiada ao sr. dr. José Mattos Graça, ilustre provedor da Misericórdia.

O sr. Francisco Carmona eu sufragio de sua mãe, a quem dedicava os maiores extremos d'amor filial, mandou 10 escudos de estmola ao Asilo de Invalidos, com obrigação d'uma missa

A todos os entulados o nosso sentido pesame.

—Tambem faleceu nesta vila a sr.ª D. Isabel de Souza, deixando os seus haveres a uma filha do nosso amigo sr. Antonio Justiniano da Silva.

Pela sociedade

Voltou de Coimbra o sr. Julio Mendes da Rocha Diniz.

—Vae passar o mez d'outubro á Povoia de Varzim, o sr. dr. Luiz Ferreira, subdelegado de saude.

—N'aquella praia e em casa do nosso amigo sr. Manoel Fiuza de Melo, encontra-se muito doente a interessante Georgina, filhinha do sr. Manoel Vieira d'Azevedo, digno regedor desta vila.

—Foi a Famalicão o sollicitador sr. Manoel de Faria.

—Regressou de Ancora o sr. dr. João d'Oliveira Pinto.

—Esteve nesta vila o sr. Malheiro Dias representante do Instituto Higienico do Porto.

—Regressou da Apulia a familia Almeida Ferraz.

—Está nesta vila com seus filhos a sr.ª D. Capitolina Pinto da Fonseca Novaes.

—Chegou da Povoia de Varzim o sr. Domingos Passos e a familia do sr. Manuel de Faria.

ACABA DE APARECER

O sonho das crianças

POR

Maria Pinto Figueirinhas

PEDIDOS:—Companhia Portuguesa Editora, 119. R. do Almada ou Largo dos Loios, 14—Porto.

A TENTADORA

Nova Merceria e Papelaria

— DE —

Joaquim Vieira da Costa

Rua D. Antonio Barroso, 64, 66

N'este estabelecimento, no seu genero, muito bem montado, encontra-se á venda, chá, café, arroz, assucar e bacalhau, Azeites e massas de superior qualidade.

Bolacha fina e bicutos de Valongo e Povoia.

Preços sem competencia!

Visitem, pois, esta casa!

NOVIDADE SENSACIONAL

Rodolpho Matim

A CUERRA AEREA De Berlim a Bagdad

Tradução do capitão Moraes Rosa

1 volume de cerca de 250 paginas com uma capa allegorica a cores, preço 530.

PROVINCIA FRANCO DE PORTE

A' venda na «A EDITORA»—Largo do Conde Barão 50, Lisboa e em todas as livrarias.

PORTUGAL

IMPORTANTE COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade anonima de responsabilidade limitada.—Capital Esc. 1.600:000\$.

Agente em Barcelos:

José Vieira Veloso

NOVO DICCIONARIO

DA

LINGUA PORTUGUESA

Redigido em harmonia com os modernos principios da sciencia da linguagem, e em que se contém quasi o dobro dos vocábulo até agora registados em todos os dictionarios portuguezes, além de satisfazer a todas as grafias legitimas, especialmente a que tem sido mais usual e aquella que foi prescripta oficialmente em 1911.

NOVA EDIÇÃO

Essencialmente refunçida, corrigida e ampliada com registro de mais 20:000 vocábulo aproximadamente

A 2.ª edição do «NOVO DICCIONARIO DA LINGUA PORTUGUESA» consta de 2 grossos volumes de cerca de 1:000 paginas cada um

A' venda em todas as livrarias e na

LIVRARIA CLASSICA EDITORA

de **A. M. Teixeira & Comandita**

Praça dos Restauradores, 20 — LISBOA

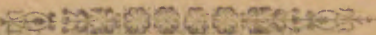
AS MULHERES DE BRONZE

Por **Xavier de Montépin**

Em publicação esta magnifica obra, composta de 3 pequenos volumes.

Concluida a sua publicação será distribuido um brinde a todos os assignantes, que constará de uma grande estampa colorida representando o Palacio de Crystal do Porto.

Assigna-se na casa editora Belem & C.ª Successores—Rua do Marechal Saldanha, 16—Lisboa.



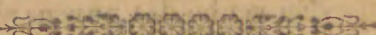
ESTÁ A VENDA

Vinhos vinhas e prados

POR

A. Venancio Pacheco

Preço 600 reis.



NOVIDADE LITERARIA

NUN'ALVARES

e o snr. Dantas

Jorsura d'um «Cardeal diabo»

Resposta historica ás acusações feitas pelo snr. Julio Dantas ao Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, por AUGUSTO FORJAZ.

Um volume, illustrado, 520. Em todas as livrarias. Pedidos á Livraria Ferin, 70 Rua Nova do Almada, 74—Lisboa

ACABA DE APARECER

A' RODA DE PORTUGAL

por José Agostinho

1 vol. de 470 paginas. Preço br. 50 centavos, enc. 70.

«A Roda de Portugal» constará de 2 vol. de 470 paginas cada um. Está publicado o 1.º volume que é uma obra encantadora. «O Primeiro de Janeiro», disse o seguinte:

«A Roda de Portugal» é um livro para artistas e um livro para patriotas, um livro para eruditos e um livro para o povo. A linda terra portugueza, com os seus monumentos e com as suas paisagens, com os seus heroes e com as suas glorias, respandece em cada pagina com um fulgor desusado entre nós, numa homenagem sobriamente romantizada, em que as personagens, fantasiadas dentro da maior verdade, vão derramando não só noções limpidas e rapidas sobre sciencias naturaes e principalmente sobre os melhores inventos modernos, como sobre hygiene, educação civica, moral, etc.

Ao mesmo tempo, o leitor é empolgado, a cada passo, por brilhantes e enternecidas descrições, e por um estilo, em geral cristalino e simples, embora também frequentemente colorido com um vigor de inolvidavel originalidade.

O seu autor pensou e sentiu-o de toda a sua alma, como patriota e como artista, conseguindo oferecer nele talvez a sua verdadeira obra prima, e valorizado, como nenhuma, pela mais elevada devoção ao nacionalismo nacional.»

O LIVRE PENSAMENTO

A E de Victoria Pereira

JULGAR DEUS

TRABALHO D'ALTA TRANSCENDENCIA FILOSOFICA

A verdade, a razão e a sciencia esmagando os preconceitos biblicos e os dogmas absurdos das religiões que tem dominado o mundo e entravado o progresso.

A luz illuminando uma era nova, libertando o espirito da mulher e da criança da tutela nefasta dos jesuitas e das congregações religiosas.

Títulos dos capítulos:—Divagando—Onde principia e onde acaba Deus—A preocupação da humanidade—A Biblia, a Historia e a Filosofia—A terra segundo os sabios—Os crimes do Deus Biblico—O diluvio dos hebreus—A Biblia é o livro mais immoral que ha—Juizamento do Deus da Guerra—Eureckal-Jerichó—O Egito historico até ao exodo do povo de Moysés—Filosofando—Filosofando e continuando—Denses e religiões—Autos de fé, tormentos, morticínios e assassínios em nome do Deus cristão—A separação da igreja do Estado.

O livro é dedicado ao eminente homem d'Estado e ilustre cidadão Dr. Afonso Costa, e é uma homenagem ao grande propagandista republicano Dr. Magalhães Lima, Grão-Mestre da Maçonaria Portugueza, à Maçonaria mundial e aos livres pensadores.

Um volume em 8.º brochado e com os retratos dos personagens a quem é dedicado!!

Preço: 520, custo da edição. — A' venda em todas as livrarias.—Pedidos de assinaturas, revenda, ou grandes encomendas a Luiz Pereira—Jogo da Bola—Obidos.

A AGUIA

REVISTA MENSAL DE LITERATURA, ARTE, SCIENCIAS, FILOSOFIA E CRITICA SOCIAL

Director literario, Dr. Teixeira de Pascoais.—Director artistico, Antonio Carneiro.—Director scientifico, Dr. José de Magalhães.—Secretario da redacção, editor e administrador, Alvaro Pinto.

Correspondentes:—Paris, Philéas Lebesgue.—Salamanca, Miguel de Unamuno.

Propriedade de «A Renascença Portuguesa»

PREÇOS (Pagamento adelantado) Portugal, aviso 510 Semestre, 550. Anó, 1800.—Africa e India, 512; 530 e 1520.—Espanha, 60 et.; 3 pesetas e 6 pesetas.—Estrangeiro, 60 et.; 3 francos e 6 francos.—Brasil, 550, 6500 e 6500 (fracos).

PREÇO dos annuncios (por publicação) 1 pagina, na capa 4500. Além do texto, 3000.—1/2 pagina, 2520 e 1560.—1/4 a pagina, 152 e 90

(Não se satisfazem os pedidos que não venham acompanhados da respectiva importancia. A cobrança é á custa do assinante.

DEPOSITARIOS—No Porto—Livraria Chaidron de Lelo & Irmão, Carmelitas; Em Coimbra, F. Franca & Armenio Amado; Em Lisboa, Livraria Ferreira, Rua Anna.

À venda no Brasil nas seguintes cidades: Rio de Janeiro, Pará, Manaus, Pernambuco, Baía e Santos; na Africa, em Loanda, Catumbella e Lourenço Marques; na India, em Nova Góa.

Redacção e administração—R. da Alegria, 218, Porto.

Tipografia—Costa Carregal, travessa Passos Manuel, 27 Porto

Toda a colaboração é solicitada. Toda a correspondencia deve ser dirigida ao secretario da redacção.

TYPOGRAPHIA E ENCADERNAÇÃO

DE

FERNANDO MARINHO

Premiado com medalha de prata na Exposição Agricola e Industrial de Barcellos de 1903

RUA DO INFANTE D. HENRIQUE, 61 A 65 — BARCELLOS

Imprimem-se, com a maxima perfeição e rapidez, cartões de visita a 200, 240, 300, 360 e 400 reis o cento, bem como: rotulos a cores, circulares, facturas, envelopes, prospectos de varios formatos e gostos, programmas para festividades, jornaes, etc. Para cartões de visita manda-se mostruario de typos a casa do freguez.

Encaderna-se, com solidez e por preços baratissimos, toda a qualidade de livros desde a encadernação mais simples á mais luxuosa, não havendo n'esta villa competidor n'estes trabalhos. Livros de notas para labellicés, em branco para commercio, confrarias e juntas de parochia, pastas, carteiras, etc., etc.